



TRANSCRIÇÃO MARIA LÚCIA DA SILVA

[0:00:00] LETREIROS

[HEIDI TABACOF] Estamos para te escutar, Lúcia!

[MARIA LÚCIA] Bom, Maria Lúcia da Silva no registro; Maria pra família porque tem uma outra Lúcia, uma irmã mais velha, então uma era chamada de Lúcia e eu de Maria; e Lucinha pro ativismo, para os mais íntimos e no ativismo, que é um jeito que eu gosto de ser chamada. Também porque ele fala um pouco da minha constituição, eu me constituí Lucinha no ativismo.

Eu acho que... Acho não: falar de mim é fundamentalmente falar da minha ação no mundo, do meu ativismo no mundo.

Eu costumo dizer, eu costumo brincar numa autopromoção de que minha primeira manifestação política foi aos três anos de idade.

Por que três anos? Entre o 5º e o 9º mês de vida eu fiquei muito, muito, muito doente. E eu sou filha de um benzedor, portanto a minha casa por natureza era uma casa cheia de gente. E como eu fiquei num estado muito de inanição, sem nenhum movimento, a casa vivia cheia e, mais do que viver cheia, as pessoas que frequentavam, que iam lá se benzer com meu pai... E meu pai e minha família fizeram várias promessas para eu viver. E tendo vivido, tendo sobrevivido a essa situação, aos três anos foram pagar as promessas.

Eu nasci em Mirassol, próximo a São José do Rio Preto, e aos três anos foram pagar a promessa. E contam minhas irmãs que eu fui alegremente na frente conduzindo a procissão. Então como eu não sou religiosa, não sou cristã, costumo dizer que foi meu primeiro ato de ativismo, que, portanto, à frente de uma manifestação, que o foco era eu mesma. Meio narcisista, mas, enfim, foi uma das narrativas que eu tenho para mim.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Eu sou filha de uma família bastante humilde, de um pai cego que perdeu a visão aos 16, 17 anos de idade. Meu pai se chamava Antônio Francisco da Silva e minha mãe Joselina Maria de Souza. Minha mãe era uma afroindígena que foi criada por uma tia que a gente considerava nossa avó, porque não conheceu seus pais. Então tivemos uma vida bastante humilde e com bastante esforço para viver.

A minha primeira experiência de trabalho eu tinha 6 anos de idade, quando eu ia junto com uma prima minha e mais outras crianças do cortiço, a gente ia ajudá-la a limpar uma boate.

Dessa época eu tenho uma imagem de lugares muito escuros, com muitos copos sujos... É como um borrão, mas essa é a minha primeira lembrança de um trabalho que eu tive.

E uma outra lembrança de trabalho que eu tive, que para mim foi bastante marcante, aos 8 ou 9 anos de idade, eu tive minha primeira experiência sistemática, durante as férias escolares, de trabalhar de costureira numa casa. Era época em que se falava facção, onde se costurava nas casas das pessoas.

E eu lembro, a gente fazia... Era eu e a dona da casa... A gente fazia o que se chamava anágua, que já nem se usa mais hoje.

Eu trabalhei durante 30 dias e no final do mês, porque era um período de férias, quando eu recebi, quando eu olhei o que ela me entregou como salário, eu cheguei em casa chorando. E minhas irmãs e minha mãe perguntaram o que aconteceu e eu falei: eu trabalhei muito para ter recebido esse quanto de dinheiro.

[00:05:15] Foi a minha primeira experiência de ter consciência de que o meu trabalho foi completamente desvalorizado. Ali eu tive consciência do valor do trabalho, do valor do meu trabalho. Talvez eu não pudesse nomear, eu não soubesse nomear com uma palavra, mas eu sei que aquilo me marcou. E chegando em casa, todo mundo: "Não, você não vai mais". E eu não iria mesmo, porque era férias, mas, enfim, essa é uma lembrança importante.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E eu fiz muitas coisas na vida de trabalho, né? Mas foi na década de 70, no metrô, me encontrando com dois ativistas que me abordaram no metrô perguntando sobre racismo, perguntando se eu sabia o que era isso e qual que era minha compreensão, foi esse encontro que para mim foi um encontro talvez mais marcante da minha vida, que definiu a minha trajetória até este momento da minha vida.

Foi ali, com eles, nesse processo, que eu fui me dar conta do que era o racismo, como ele atravessou a minha vida, como ele marcou sofrimentos e incompreensões... Ali, naquele momento, eu digo que eu me tornei negra.

Eu sempre soube que eu era preta, sempre tive uma família de pretos, que gostava de se encontrar, que gostava de falar alto, enfim, que gostava de festa... Eu tinha uma madrinha que fazia muitos bailes... Então isso eu sabia que eu era. Mas eu não sabia que as experiências que eu havia passado, que as buscas de trabalho, que as negações de trabalho, que os olhares... Que aquilo era o racismo, inclusive num lugar no metrô...

No metrô eu era auxiliar de escritório, mas eu era um auxiliar de escritório que fazia um trabalho de coordenação: substituía a minha coordenadora, despachava com o diretor e, no entanto, eu não saía daquele lugar.

E foi em função dessa compreensão que eu decidi que eu não ia ficar mais ficar em um lugar que não pudesse me reconhecer com a minha competência que eu tava.

E saí dali e fui fazer muitas outras coisas. Mas esse é um momento chave da vida, porque é um momento que eu ressignifico toda a minha história e, ao ressignificar minha história, eu faço a minha entrada no ativismo.

Esses dois ativistas que me convidaram um foi Milton Barbosa e outro foi o Isidoro Teles, eles foram meus mentores políticos.

E desta conversa nós reativamos uma organização negra que havia sido criada em 1970 por uma ativista chamada Thereza Santos, que já morreu – ela era do campo das artes, fazia teatro... Era uma organização que trabalhava inclusive junto com Abdias Nascimento, no Teatro Experimental do Negro, enfim... Como era do Partido Comunista e, na época, nesse período da década de 70, era o período de libertação dos países de



língua portuguesa, Thereza Santos foi para Angola, a partir de uma determinação política do Partido Comunista, para trabalhar na luta de Angola.

E, em 76, a gente trouxe a organização de volta, que se chamava Centro de Cultura e Arte Negra e, essa organização, ela teve uma vida de 76 a 82. Foi por onde o movimento negro em São Paulo circulou. Foi por onde as notícias do Brasil circulavam.

Era uma organização em que nós bancávamos, tinha uma casa imensa na Bela Vista, essa casa ficava num espaço que tinha uma grande área, onde a gente fez grandes encontros, grandes manifestações de rua...

[00:10:13] E foi lá, dentro dessa casa, que nasceu... Esse foi o momento – esse período da década de 70, em 76 que era o período que a gente recuperou a sigla e a imagem – era um momento em que a gente estava muito inspirada na luta de libertação dos países de língua portuguesa, fundamentalmente Angola e Moçambique, e também inspirada nas lutas dos direitos humanos nos Estados Unidos.

E nesse momento, era um momento bastante presente o "black is beautiful". E era um momento inclusive da gente se reconhecer como negro, de uma ideia de volta à África. E a volta à África pra gente era poder se inspirar na forma de vestir, na forma de se arrumar, e esse foi um momento bastante intenso, porque também foi um momento em que o movimento negro começou a construir a passagem de um 13 de maio, de data de libertação dos escravos, então foi uma mudança do 13 de Maio para o 20 de Novembro.

E a gente fazia várias incursões para o interior, fazendo a discussão dessa data, que foi uma proposta que surgiu em Porto Alegre com uma ativista que que já morreu e que isso se estendeu para o Brasil e que em São Paulo a gente fez várias viagens para o interior pra poder refletir, pra poder pensar e pra poder construir o 20 de novembro.

E nesse bojo de construção do 20 de novembro, a gente inventou o CECAN, a sigla da organização, que era CECAN, a gente inventou um festival chamado Festival Comunitário Negro Zumbi, que era um festival que a sua primeira manifestação aconteceu em Araraquara, tivemos presente... sempre esqueço o nome dele, hoje ele é



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

diretor do Teatro Municipal, que é um grande bailarino, vou lembrar daqui a pouco o nome dele... (silêncio)

[HEIDI TABACOF]: ...Ismael Ivo?.

[MARIA LÚCIA]: Ismael Ivo, maravilhoso! Ismael Ivo e Zenaide que era uma bailarina maravilhosa, os dois foram as duas atrações desse festival. Esse festival aconteceu em Araraquara, no Gigantão, que era um estádio. E os dois se apresentaram. E esse festival acontece até hoje, ele teve um... Ele se realizou durante vários anos, deu uma parada, mas aí a juventude resolveu recuperar e ele acontece anualmente por volta de 20 de novembro.

Então para nós, em São Paulo, este festival marcou o 20 de novembro. Já não teve mais atividades no 13, mas no 20 e aconteceu o festival.

Então essa foi minha entrada no ativismo e esse foi um... Eu diria que foi um espaço de constituição desta nova pessoa que sabia quem era, que sabia dos seus atravessamentos sobre o racismo e que pudemos juntos poder construir ações, que hoje a gente pode pensar no resultado.

Mas, em 78, a gente recuperou a organização, relançou a organização em 76, mas em 78, dentro do CECAN, começou um movimento, em plena ditadura, a gente fazia atividades públicas recebendo 200 pessoas no espaço, na área em frente ao CECAN.

Embora se soubesse que a gente era vigiado, mas nós não fomos cerceados de grandes encontros. Embora isso era proibido, embora não podia se encontrar mais que três ou quatro, enfim, que havia uma censura e uma correção em relação a isso, nós do Movimento Negro podíamos nos encontrar, embora soubéssemos que havia sempre gente junto acompanhando as nossas atividades.

[00:15:28] E foi nesse momento que surge o Movimento Negro Unificado, ele surgiu dentro do CECAN, ele surge nas nossas conversas e é um momento em que se decide ir para rua.

Então, em 78, o Movimento Negro faz uma mudança de qualidade, porque no momento anterior a gente estava trabalhando numa dimensão mais cultural, numa



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

dimensão de reconhecimento mútuo, numa dimensão de construção de uma identidade negra. Nesse momento a gente faz uma passagem de um movimento que tem uma atuação cultural para o movimento político, para o movimento de atuação política. E mais do que um movimento de atuação política, de um movimento de responsabilizar o Estado pelas condições materiais de existência na população negra.

Isso faz uma mudança de qualidade no Movimento Negro e isso faz com que, nacionalmente, haja uma reorganização das formas de luta.

E também há um questionamento, porque, quando o Movimento Negro Unificado surge – e ao ele responsabilizar o Estado pelas condições da população negra em relação à habitação, em relação à educação, em relação à saúde, em relação à trabalho... Há um questionamento que não tínhamos, né, de dados que pudessem comprovar que havia diferença entre brancos e negros. Então esse é o momento também em que começa uma movimentação nacional no sentido de construir indicadores para que a gente pudesse fazer frente ao Estado e, mais do que fazer frente, poder construir políticas públicas para esse enfrentamento.

Essa não é uma época ainda que eu vou para faculdade, eu vou pra faculdade no começo de 80, mas já é uma época que a gente começa a entrar em contato com o [Frantz] Fanon, por exemplo.

Fanon aparece no Brasil no final da década de 70, mas o Fanon que aparece no Brasil na década de 70 é o Fanon revolucionário, é o Fanon da guerra da Argélia, é o Fanon que vem instrumentalizar os ativistas nas suas ações políticas. O Fanon psicanalista ele só vai aparecer no Brasil em 80, em 90 fundamentalmente é que a gente vai encontrar um Frantz Fanon que é psicanalista e que vai trazer pra gente questões pra gente pensar a questão da subjetividade.

Mas, em 83, aparece Neuza Santos, quando ela começa a fazer... Quando ela produz a sua tese de doutorado sobre a ascensão do negro, cujo livro é "Tornar-se negro", onde ela vai discutir a ascensão do negro.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E através da pesquisa de doutorado que ela faz ela vai trazer à tona as experiências de vida que nós vivemos, que os negros vivem, que é o efeito do racismo, de como o racismo nos atravessa, dos sofrimentos que isso produz, da ideia de ser menos, da ideia de não ser potente... E da consciência de ocupar um lugar que é um lugar de não privilégio, que é poder também se dar conta de que os lugares que a gente ocupa é o lugar historicamente dado pela escravização – as mulheres negras no trabalho doméstico e os homens negros em serviços.

E mais do que isso: a consciência do processo político nos dá a dimensão de como as mulheres negras foram historicamente o sustentáculo da casa, porque no pós-abolição os homens ficam sem trabalho e as mulheres têm na casa grande – nessa ideia da casa grande – no trabalho doméstico, no cuidado com as crianças, um lugar, entre aspas, de privilégio porque é o lugar do trabalho.

[00:20:28] É bem verdade que o processo de escravização ele também possibilitou que tanto homens e mulheres pudessem desenvolver várias ações: as quituteiras que iam pra rua, vendendo coisas... Mas do ponto de vista do trabalho, do emprego, de ser empregado, o que sobrava no pós-abolição era isso.

E junto com isso vem também todo processo de repressão e vem também a construção de um olhar de criminalização da população negra, com as rodas dos enfeitados, com as crianças indo para criação do que seria hoje a FEBEM [Fundação Estadual do Bem Estar do Menor], né? As “Febens da vida”...

Então a gente... Em 78 ele dá início a diferentes mudanças no âmbito do Movimento Negro, ele passa a ser um movimento reivindicatório e ele também passa a produzir informações e insumos que faz com que o movimento ganhe uma outra personalidade.

E pensando também no que tá ocorrendo no mundo, que Angola e Moçambique estão em processos revolucionários, que tem o efeito dos movimentos dos direitos humanos – com Martin Luther King, com Malcom X, e que isso vai fazer um eco no Brasil mudando o perfil do movimento.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Então eu vou sendo constituída como sujeito nesse caldo. E podendo dimensionar... Eu acho que eu dimensiono minha atuação profissional nesse processo, porque em 80 eu entro pra faculdade, vou fazer psicologia e começo a pensar o significado do racismo na nossa história, na nossa vida, e nas nossas mobilizações. E começo também a olhar um pouco para fora como isso vai repercutindo no movimento negro.

E, nesse momento, eu também faço um encontro com dois autores. Eu acho que é o momento também que eu conheço a psicanálise, entro em contato com ela fundamentalmente.

Primeiro na faculdade eu entro em contato com [George] Lapassade, com a análise das instituições, que é todo um movimento que vem desde a década 60, 68... E como na faculdade a gente encontra uma barreira que a gente não teria possibilidade de fazer as escolhas que nós queríamos fazer, eram dois grupos de formandos – nós éramos em média 50 alunos que estão se formando – e eu e mais Cristina somos eleitas representantes do grupo para fazer frente junto à direção da faculdade no sentido de assegurar as nossas escolhas. E aí a gente vai descobrir Lapassade com a análise das instituições e a gente consegue fazer um enfrentamento no corpo diretivo a partir dos conteúdos que a psicanálise das instituições vem trazendo pra gente. Então esse é o meu primeiro contato.

E durante a minha formação eu conheço o [José] Bleger, que foi muito importante. E conheço Bleger a partir do livro *Simbiose e Ambiguidade*.

[00:25:07] Eu não entendia muito bem o que acontecia ali, mas eu sei que aquele livro me levou para uma dimensão – e quem dava aula para nós era Marlene Guirado, que foi a primeira presidente do Conselho regional de Psicologia de São Paulo. Ela e Bettelheim com *A psicanálise dos contos de fadas*, então eu entro na psicanálise a partir desses dois autores.

E eu estudava com um psicanalista chamado Reinaldo Lobo, que era psicanalista, mas estava fazendo psicologia. E eu digo para o Reinaldo que: "Eu quero uma indicação



PSICANALISTAS QUE FALAM

de um psicanalista". Mas eu queria uma indicação de um psicanalista negro, porque naquele momento eu achava que eu queria dialogar e queria poder contar, falar das minhas dores para um psicanalista negro e ele me indicou um psicanalista chileno, negro chileno, não lembro o nome dele.

A primeira coisa que ele me disse quando eu contei a minha história para ele: "Mas isso é bobagem, isso não tem nada a ver ". E eu disse: "Bom, então eu não posso voltar nesse homem, porque se ele já por princípio não considera que o que me faz sofrer tem significado, eu não poderia ficar nele".

E volto pro Reinaldo e conto para ele o que aconteceu, e o Reinaldo propõe que eu vá... Me indica um lugar que eu não sei direito, se era a Sociedade Brasileira de Psicanálise ou se era a Sociedade Paulista de Psicanálise, enfim, que recebia algumas pessoas, que fazia uma sessão e fazia depois uma indicação. Eu sei que eu fui indicada para uma analista, para uma psicanalista, fiz umas duas primeiras sessões com ela, acertamos que a gente ia trabalhar junto, que ia trabalhar duas vezes por semana no consultório dela – era ali perto do Clube Pinheiros. E eu chego na faculdade e o Reinaldo pergunta para mim: "E aí, como é que foi?". Aí eu contei como é que foi com o chileno que não deu certo, mas que eu havia encontrado uma psicanalista e que a gente já tinha começado as primeiras entrevistas e ele pergunta o nome para mim, quem era a psicanalista, e eu digo pra ele o nome da psicanalista e ele impulsivamente diz para mim: "E quanto ela vai te cobrar? Vamos ver se a minha mulher cuidou bem do dinheiro de casa". E aí eu tomo um choque, porque a psicanalista que eu tinha escolhido era mulher dele e ele impulsivamente não deu conta de segurar e falar que era mulher dele e isso criou um conflito tanto comigo com ele, como comigo e com a analista. E na próxima sessão ela abriu dizendo que sentia muito do que tinha acontecido e que poderia me ajudar a buscar uma outra psicanalista em função da ocorrência. E eu disse pra ela que não, que a gente poderia continuar a trabalhar junto.

Eu considero hoje que foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, que foi ficar num trabalho analítico com a psicanalista e estudando junto com seu marido, porque a gente



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

estudava na mesma classe. E isso foi... Depois de algum tempo eu pude perceber o quanto ter bancado ficar nessa análise, em que pese que ela me ajudou em muitos aspectos, mas o quanto foi empecilho para o meu desenvolvimento. Nós ficamos cinco anos juntas, mas eu diria que os primeiros dois anos foi muito difícil eu poder me abrir porque havia uma ideia de que eu estava exposta, né? Porque como é que a minha história, como é que eu vou ter garantia do sigilo da minha história? Mas depois de dois anos, eu consegui... A gente conseguiu... Eu consegui, na verdade, enfrentar essa discussão com ela, dizer do desconforto e pudemos, de fato, naquele momento, trabalhar sobre isso. Mas também houve muita dificuldade dela compreender o que era ser negro, houve muita dificuldade dela escutar de um outro lugar o efeito do racismo e poder com isso contribuir na minha elaboração das experiências que eu vivia no cotidiano.

[00:30:40] E era muito interessante porque... Eu fazia análise na hora do almoço e na hora do almoço eu tomava um ônibus todas as duas vezes na semana, no mesmo horário, na mesma companhia, e havia um grupo de pessoas – era um momento que tinham muitos roubos dentro de ônibus, não sei se vocês andavam de ônibus nessa época mas havia muitas "gangues" dentro de ônibus roubando, e nesse percurso que eu fazia tinha um grupo de negros que faziam roubos sistematicamente, eu encontrava com eles toda semana, duas vezes por semana, da mesma forma como eu encontrava com a minha analista. E eu me senti refém deles, porque eles roubavam olhando para mim. E eu já tinha visto várias pessoas viverem violência do grupo dentro, se alguém alertasse, esse alguém apanhava e saía, eles saíam correndo do ônibus, enfim. Mas eu me senti prisioneira durante muito tempo desse grupo. E eu levava para análise esse meu sentimento, mas era para além de ser um grupo que roubava dentro de um ônibus, tinha a ver com o processo de identidade, eles eram negros, tinham homens, tinham mulheres, tinham pessoas parecidas comigo e eu queria entender isso, eu queria discutir com ela. E o que historicamente ainda hoje se ouve é levar pro complexo de inferioridade, é levar para não ter nada a ver, é racismo não tem nada a ver com análise, né? Não havia uma percepção e uma escuta do que aquilo produzia em mim.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E eu ia trazendo minhas histórias de vida, eu ia trazendo meus impedimentos no trabalho, ia trazendo as dificuldades que eu tinha e que eu notava na diferença no conjunto de não ter promoção, né?

Eu trabalhava no metrô, uma organização importante na época, eu acompanhava o movimento de todo mundo, em processo de ascensão dentro da organização e durante muito tempo ela dizia que não tinha a ver e eu dizia pra ela: "Você não tá me ouvindo, você não consegue me ouvir, você tem que olhar para isso".

Enfim, eu fazia questões para ela, no sentido de poder ser percebida como alguém que tinha uma história que não era uma história... Que tinha sua singularidade e que nesta singularidade o sofrimento produzido pelo racismo era algo que eu vivia no cotidiano. Até que um determinado momento ela se rende e diz: "Ok, o que que eu faço? O que que eu leio? Como eu posso de fato ampliar a minha escuta para que o trabalho da gente tenha uma outra qualidade?".

Nesse momento a nossa análise muda de configuração, muda de patamar e há um processo em que eu me sinto escutada.

E é interessante que hoje quando as pessoas negras buscam uma analista, uma psicóloga negra eu fico pensando que eu nunca tive uma, né? Que todas as minhas analistas – e eu faço análise desde 80 até hoje, então tem quase 30 anos de análise – todas as minhas análises foram com mulheres, não tive nenhum analista homem, e todas mulheres brancas.

[00:35:10] E isso é um elemento importante hoje na discussão que eu faço com psicólogos e psicólogas negras e negros, de que ampliar a escuta é uma tarefa de psicólogos, seja de qual pertencimento, porque o sofrimento precisa ser reconhecido por todos. E mais do que isso, a minha questão era: "Como é possível eu não ser reconhecida na minha particularidade, se a psicanálise trabalha com isso, trabalha com o sujeito, o sujeito com a sua história e inserido numa história mais ampla, seja do seu país, seja do seu grupo étnico... Então essa sempre foi uma questão para mim.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Mas, enfim, em 82, voltando para o CECAN, que era a organização que eu fazia parte, em 82 nós decidimos fechar a organização.

Uma das coisas mais difíceis que eu vejo nas organizações políticas é elas fecharem suas portas, ninguém quer fechar as portas, né? E em 82 nós reconhecemos que a gente cumpriu o papel que a gente teve, de ser um espaço de aglomeração do movimento negro em São Paulo, de ser um espaço onde surgiu o Movimento Negro Unificado e, para além desta sigla, que surgiu uma nova forma de trabalhar o racismo e de pressionar o Estado e de que, portanto, nosso papel havia se cumprido e a gente fecha a organização e cada um vai se pensar o que fazer nesse vácuo que a organização deixa, há uma falta, porque de 76 a 82 foram sete anos de muito trabalho, de trabalhos muito intensos e, quando ela fecha, também fica um buraco que a gente não sabia mais o que fazer.

E nesse momento é um momento também do surgimento, a gente tá saindo da ditadura, estamos indo... 82 vamos ter eleições diretas, em São Paulo nós temos como governador Franco Montoro, um grande democrata que, nesse processo de eleição, o movimento de mulheres trabalhou muito pra a eleição dele e mais do que trabalhar, tanto o movimento de mulheres, como o movimento negro fizeram algumas reivindicações: o movimento negro pediu um espaço dentro do Estado para trabalhar políticas públicas voltadas para a população negra.

E as mulheres voltadas para as mulheres. Quando o Montoro ganha há a criação de um Conselho Estadual da Condição Feminina, que é o acordo que ele tem com o movimento feminista da época. E quando se apresentam as conselheiras que vão fazer parte do Conselho Estadual da Condição Feminina não há nenhuma mulher negra, o movimento de mulheres negras faz uma grande manifestação e faz uma denúncia de que não há mulheres negras no conjunto dessas conselheiras e reivindica a posse de mulheres negras.

Há toda uma confusão na cidade, é um primeiro momento em que as mulheres negras aparecem no cenário público fazendo uma denúncia em relação às feministas,



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

então se faz uma rearticulação e é escolhida uma mulher negra para tomar posse, na época chamada Marta Rocha.

Marta Rocha toma posse e começa uma articulação porque a gente quer um espaço para trabalhar especificamente o tema das mulheres negras dentro do conselho.

[00:40:10] Isso demanda um tempo de formação, mas aí foi criada uma comissão de mulheres negras que eu me insiro nessa comissão, isso é 86, 87.

Então se em 76 eu me torno negra – quase 10 anos! Em 86 eu me reconheço no campo do ser mulher, o que é ser mulher. Porque o que veio primeiro e o que a gente percebe pelo menos num determinado momento do tempo é que o que chega primeiro é a questão racial, e não a questão do ser mulher.

O ser mulher chega depois que a gente entra em contato com o racismo quando a gente compreende o racismo e aí a gente redimensiona o que significa ser negra e ser mulher e aí você compreende as questões acumuladas de gênero e raça.

Isso para mim se dá em 86 e 87 quando se cria uma comissão de mulheres negras e a gente começa a desenvolver trabalhos voltados para a discussão do racismo, para a discussão do impacto do racismo da combinação de gênero e racismo.

É uma situação difícil dentro do conselho porque há uma... Nós ficamos entre dois conjuntos: por um lado uma ideia do movimento negro que a gente estava ali sendo cooptadas pelo Estado e por outro uma ideia das mulheres brancas que a gente tava ocupando mais espaço do que a gente devia. Então a gente fazia um enfrentamento com o movimento negro e um enfrentamento com o movimento feminista. É deste enfrentamento, nesse processo, caminhando já para 88, que é a grande celebração que o Estado vai fazer de 100 anos da abolição, enquanto o Estado propõe uma celebração, o movimento negro faz uma denúncia, é nesse trabalho que a gente vai realizar um grande trabalho em São Paulo que foi o Tribunal Winnie Mandela, que foi um tribunal que colocou no banco dos réus o Estado e faz uma denúncia pública articulada com o Conselho Nacional de Mulheres Negras.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E aí a gente sofre uma grande pressão política. Na época acho que era Abi-Ackel no nível federal, Jacqueline Pitanguy que é uma feminista histórica, que vive uma pressão muito grande e a gente faz todo uma articulação pra fazer uma denúncia do racismo e pra lançar esse trabalho, o Tribunal Winnie Mandela, que levou o ano de 88 todo, que culminou num tribunal, aí na São Francisco, na época com [Hélio] Bicudo – que ele era uma outra pessoa, depois ele mudou bastante – protagonizando e com uma juíza negra, Maria Cristina Olímpio, que fez todo o papel de juiz, que colocou que vieram várias pessoas como testemunha e que saiu o veredicto do Estado.

88 foi um ano bastante intenso porque ocorreram manifestações públicas no Brasil como um todo e houve também muita repressão.

Rio de Janeiro, por exemplo, o Exército foi colocado na rua; em São Paulo tivemos muita pressão política, tivemos que nos retirar do Conselho da Condição Feminina, fomos abrigadas na Comissão de Mulheres advogada para poder continuar o nosso trabalho.

E aí encerra uma relação nossa com o Estado e eu vou fazer parte de uma organização só de mulheres negras e que a gente vai no primeiro ano...

Eu acho que esse é um outro marco, porque eu conheço uma organização americana chamada Projeto Nacional de Saúde das Mulheres Negras e eu faço um grande investimento pra gente que é sediada em Atlanta, mas tem núcleos em todos os estados americanos.

[00:45:25] A gente consegue um apoio e vamos para Atlanta para conhecer o projeto. Essa foi uma experiência muito impactante na minha vida.

Em Atlanta a gente conhece a sede do projeto, quem coordena esse projeto é a Byllye Avery, que é uma mulher maravilhosa. E a gente vai para um encontro nas montanhas, um lugar em Atlanta chamada Dahlonga, fazer um encontro com 200 mulheres negras. Porque o que me interessava nesse projeto era a metodologia de trabalho e a gente vai pra esse lugar, e eu não falo inglês, é feita uma sensibilização com as 200 mulheres de que nós temos uma irmã junto com a gente que não fala nossa língua e que a gente gostaria que ela pudesse participar de todas as atividades, de todas as



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

ações, que ela pudesse compreender o que a gente está falando, e que a gente pudesse compreender o que ela tá falando. Então é muito intenso e todo mundo faz um esforço de poder de fato me integrar neste processo. E eu passo três dias na montanha, extremamente emocionada, compreendendo tudo que está ocorrendo, eu vou com outra amiga que fala inglês, mas eu também conversei por sinal, por diferentes maneiras, porque eu acho que quando a gente precisa se comunicar, a gente arruma formas de se comunicar.

E esse encontro ele vai trazendo muitas histórias, é um encontro de histórias, onde as mulheres vão contando histórias aonde a gente vai podendo perceber as feridas, aonde a gente vai olhando como o racismo ele é destruidor, como ele destrói não só a pessoa, como ele destrói a família pensando que nós estamos inseridos numa sociedade, que é uma sociedade bastante perversa, e pensando que é Estados Unidos da forma como a escravização se deu no Estados Unidos, diferentemente do Brasil. E as diferenças de impacto. E quando a gente se junta a gente vê que não há diferença nenhuma do ponto de vista do efeito, do ponto de vista das dores, do ponto de vista do impacto, das condições materiais de existência, de como as mulheres viviam sozinhas. A questão da solidão está posta aí nesse momento. O cuidado com a família e o sustento com a família também tá posto e que tem como responsável as mulheres.

E eu volto desse encontro...

Isso é 89, já me formei em 85, em 85 eu me torno psicóloga e em 86 eu já vou para clínica e começo a trabalhar na clínica em 86 e em 89 quando volto desse encontro...

Ficamos lá, eu e essa companheira, ficamos 15 dias nos Estados Unidos participando desse encontro em Atlanta e depois indo para outra sede do projeto em Nova Iorque, participando dos processos. E se apropriando da metodologia do processo.

Em 89, quando volto, eu começo a trabalhar, crio um projeto chamado "Construindo nossa cumplicidade", e começo a trabalhar com mulheres num projeto que durou três anos, e que a gente, por princípio, necessariamente não precisaria ser psicóloga, pra facilitar os grupos, mas a gente tinha psicólogas e outras pessoas com



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

experiência em grupo e desenvolvemos um trabalho durante três anos, por volta de cem mulheres.

[00:50:18] A gente acompanhava com encontros quinzenais, que foi o encontro que nos deu uma dimensão do que ocorria no Brasil, quais eram as queixas das mulheres, quais eram os sofrimentos... E muitas coisas eram trazidas no sentido do trabalho, de como era vista no trabalho, das violências sofridas, dos – como é que a gente fala – dos assédios dos patrões, de uma ideia de um corpo que pode ser manipulado, que pode ser... Que qualquer um pode pôr a mão. Das dificuldades de poder lidar, por exemplo, com o sofrimento dos filhos nas escolas, que tinham muitas violências, os xingamentos, apelidos, como as crianças chegavam em casa chorando, e como as mães não tinham recursos para poder lidar com isso. Então esse grupo foi lidando inclusive com temas muito difíceis, né?

Tinha uma das participantes, por exemplo, ela não conseguia se olhar no espelho. Porque ela não dava conta de se encontrar com a sua própria imagem. E o trabalho do grupo foi no sentido de poder construir e ajudá-la a poder se olhar, discutindo, cada uma trazendo a sua história.

Então é um trabalho de grupos, onde as histórias eram trazidas, onde podia se perceber que não havia uma história que era tão singular que não tivesse alguma experiência colocada na outra pessoa. E de como o grupo coletivamente ele atuava no sentido de dar sustentação para os processos de mudança. E a gente tinha supervisões, inclusive supervisões que acompanhavam os trabalhos de... Como é que fala? Nós éramos umas 10 facilitadoras e a gente fazia encontros formativos e muitas vezes a supervisora nos acompanhava nesses processos formativos também para poder nos ajudar e para poder dar um *feedback* das histórias pessoais das facilitadoras. Então a gente facilitava os grupos e as supervisoras nos acompanhava para poder fazer as leituras psicológicas e para poder nos ajudar no processo de elaboração.

Então esse foi um trabalho bastante importante, que me deu a dimensão do papel de um psicólogo e do papel de um psicólogo consciente da sua condição histórica,



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

consciente de que ali havia um... De que as especificidades, elas precisariam ser pensadas sem perder a condição da singularidade.

Todas eram singulares, todas nós tínhamos uma história, mas também todas nós tínhamos uma história que atravessava todo mundo e que, portanto, todas sabiam do que a outra estava vivendo numa dada dimensão, que era na dimensão da busca de trabalho, por exemplo, que era na escola, que era na falta de atenção que os professores não davam para os filhos ou mesmo para as mulheres que estavam em processo de formação, que era uma ideia de um corpo sexualizado e que qualquer um poderia ter acesso, portanto, das violências sexuais, dos atravessamentos...

[00:55:15] Então esse foi um... um encontro importante porque nesse trabalho foi possível dimensionar a importância do psicólogo, a importância do analista e a importância de olhar a história dos sujeitos negros vista pelos atravessamentos não só da sua história particular, mas da sua história coletiva.

Então isso para mim foi um ganho.

E eu encerro esse ciclo nessa organização que, propositadamente, eu não falei o nome, porque também foi uma organização que produziu uma grande violência na minha relação, na minha pessoa, e que... Eu acho que o que... Na minha saída – eu fiquei até 92 nessa organização – a minha saída dessa organização me coloca numa outra dimensão de pensar o sujeito. Eu vivi lá uma violência, eu diria que foi a maior violência que eu vivi porque foi uma violência que se deu em relação. Porque era uma organização bastante familiar e depois, muito tempo depois, eu fui compreender que nas relações familiares a violência também está presente, que as violências políticas que acontecem em espaços onde a relação de intimidade é bastante grande, onde o afeto é bastante grande também aí há uma possibilidade da violência ocorrer. Mas foi tão intensa, foi tão grande, que eu acho que eu chorei os próximos dez anos.

Eu não conseguia compreender por que que alguém que eu tinha uma relação de afeto e de atividade tão grande pôde produzir uma dor tão intensa, que eu não conseguia saber onde é que eu tinha contribuído para aquilo acontecer.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Mas depois eu fui entendendo que fazer política, às vezes a política não é uma política de afeto, às vezes a política é uma política de interesse, e nos interesses políticos vale muitas coisas, inclusive a violência.

E essa experiência, que ocorreu em 92, em 2008 ela se fez como uma doença autoimune.

Dia 25 de dezembro de 2007 comemorando o Natal com a minha família, a pilha acabou.

E era assim, eu senti como: "Aqui acabaram-se todas as minhas energias".

E nos próximos 15 dias eu passei com hemorragia pulmonar. Férias. Como é que fala? Convênio, você não encontra mais ninguém de peso, você só encontra pessoas muito jovens. E todo mundo dizia que eu estava com uma pneumonia e não dava um diagnóstico. E eu consegui depois de 15, 20 dias encontrar um pneumo que ele disse para mim: "Se eu fosse você eu me internava agora, seu pulmão está lotado de sangue, você quase não tem espaço para respirar".

[01:00:20] E eu fui internada naquele mesmo dia, passei mais 30 dias hospitalizada porque eu não tinha um diagnóstico e depois esse diagnóstico foi de uma doença autoimune chamada vasculite, que é a inflamação dos vasos sanguíneos. Quase a gente não tem vasos sanguíneos no corpo, então... (*risos*).

Eu vivi os próximos dois anos, de 2008 até meados de 2009 completamente recolhida, porque eu estava num grau de fragilidade tamanha, que eu não podia correr o risco de ter uma gripe, né?

Enfim... E neste processo eu encontrei a doutora Joanna Wilhelm que foi minha analista nessa época. Começamos com duas sessões, depois fomos para três sessões, e depois fomos para quatro sessões.

E a doutora Joanna me ajudou a compreender esse momento, e ela dizia para mim: "Você adoeceu em 92, a sua doença só apareceu em 2008". E aí eu fui pensando no que foi, porque durante esse tempo todo era muito difícil eu pensar essa organização sem me



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

emocionar, eu pensar essa organização sem chorar, eu pensar essa organização como se eu tivesse perdido algo na vida que eu não pudesse mais recuperar.

E eu demorei todo esse tempo pra poder compreender que a gente sempre tem uma parcela nas violências que a gente vive. Elas nunca são... Você nunca está totalmente isento. E que talvez a responsabilidade que eu tive foi de que no momento que eu olhei pra mim e disse: "Eu tenho que sair" e não saí, eu possibilitei que as violências ocorressem, né? Porque houve um momento em que eu não queria mais estar naquele lugar e mesmo assim eu não tive coragem de me retirar, porque eu acho que às vezes a gente tem uma ideia de que a gente é imprescindível. E, depois que a gente sai, a gente percebe que a gente não faz falta, que você é importante enquanto você tá, mas que é sempre possível você ser substituída, que não existe alguém que seja insubstituível por um lado. E que é possível que não exista afeto que dure para sempre, que é possível que no meio do caminho você tenha que matar alguma coisa em você para você poder se fazer e refazer de novo e refazer as suas proposições.

Nesse caminho, em 2005 – eu saio em 92, com essa experiência, em 95 depois de três anos encontro uma... Volto pra clínica, tô na clínica, tô com as minhas supervisões, tô pensando e reorganizando a vida e encontro no consultório da minha supervisora... Na época tinha uma supervisora no campo da bioenergética, trabalhava um pouco com bioenergética na época...

Encontro Marilza [de Souza Martins], nos fazemos amigas e começamos a conversar sobre a questão da psicologia, começamos a pensar quem era o nosso público, o que que ela estava recebendo no consultório, o que eu estava recebendo no consultório, fui contando as minhas histórias para ela e decidimos que a gente poderia construir uma ação de poder pensar o racismo numa nomeada... numa clínica que viesse com essa tarefa, agora sim com profissionais negras.

[01:05:40] E foi aí que a gente começou a pensar na construção do AMMA.

E aí chamei duas pessoas que eu já conhecia, que eram psicólogas negras, uma era a Ana Maria, que eu já conhecia ela desde a década de 70, porque ela era amiga, ela era



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

sobrinha de um grande amigo meu, o Odacir de Mattos que foi um grande jornalista, que participou da primeira reportagem na revista *Realidade* sobre racismo. Era um jornalista muito interessante porque ele dizia o seguinte: que ele fez um trabalho consigo mesmo e ele deixou de sonhar ou de que brancos aparecessem no sonho dele.

Pra ver como a questão do racismo é uma questão intensa que faz com que o sujeito tenha que fazer um investimento pra que nos seus sonhos não apareça um elemento, que é um elemento que ele viveu como um elemento de ataque e que portanto ele se condicionou, e aí eu não sei como é que a gente pode fazer isso com os nossos sonhos. E ele dizia: "Eu consegui a partir de um tempo na minha vida que nenhum branco mais permeasse o meu sonho, portanto o meu imaginário".

E eu conheci a Ana Maria que era a sobrinha dele na época. Na época não, era sobrinha dele. E em 95 a convidei para fazer parte do grupo e também trouxe Sílvia de Souza que também trabalhava comigo nesse projeto, construindo nossa cumplicidade.

E aí fundamos o AMMA em 95, em setembro de 95. Com a perspectiva de pensar a psicologia e o racismo e de poder no nosso manifesto público, a gente colocava a responsabilidade da sociedade brasileira no enfrentamento ao racismo, portanto que a tarefa não era uma tarefa só de psicólogas e psicólogos negros, mas que era uma tarefa de psicólogos quer seja o seu pertencimento racial, de poder pensar e olhar para sua clínica e ao olhar para sua clínica poder pensar como ele estava recebendo o negro, se ele recebia negros na sua clínica se ele tinha escuta pro que os pacientes negros traziam. E começamos a trabalhar a partir daí.

E o AMMA no seu primeiro momento de vida, de 95 a 2000/2001, a gente trabalhou fundamentalmente com grupos, e a gente pôde perceber que havia uma avidez de negros e negras de estarem em grupo, de falar das questões da emocionalidade, da subjetividade em grupo, de poder trocar e de poder saber o que é que o outro vivia e como o outro vivia.

Esse foi um trabalho bastante intenso e também que nos levou a poder pensar a categoria. Como é que é pensar a formação? Porque a gente nas nossas formações



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

nunca tínhamos tido nenhuma matéria, nenhuma discussão e nenhum professor negro. E discutir a importância e a falta que isso fazia. E começamos também a fazer... A abrir espaço no trabalho para uma intervenção no sistema Conselho.

[01:10:20] Obviamente que em São Paulo éramos nós, mas em outros estados havia outras pessoas.

Mas, em 2001, o Conselho Federal de Psicologia, a Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia convidou três psicólogas negras pra fazer uma conversa com a Comissão: que foi eu, que foi Jesus Moura que é uma psicóloga e psicanalista de Recife e Maria Aparecida Bento, que é uma psicóloga daqui de São Paulo, que, inclusive, a tese dela de mestrado ela trabalha o tema do narcisismo pensando a branquitude e o narcisismo. E esse foi o primeiro encontro que a gente fez dentro do Conselho Federal de Psicologia, foi o primeiro encontro que psicólogas negras fizeram com a Comissão, pra fazer uma discussão com eles no sentido da importância de uma campanha junto aos profissionais de psicologia pra incluir ou pra abrir a escuta para os efeitos do racismo.

E essa... A comissão na época era presidida pelo Marcos Vinícius, que foi assassinado em... 2014, 15, por aí... O Marcos Vinícius era uma pessoa comprometida com tema e a partir daí a gente começou a ter um trabalho político mesmo de cobrar do Conselho ações junto à categoria pra poder pensar o racismo e o sofrimento. Fizemos muitas ações.

Eu fui... A Jesus fez parte da Comissão de Direitos Humanos nesse período, no começo de 2000, e assim a gente foi, a cada comissão passou a ter uma pessoa negra para poder pensar junto com o CFP, como trabalhar a categoria, como pensar isso junto com a categoria e como trabalhar internamente para que o tema pudesse ganhar capilaridade, né?

Com isso a gente pôde também ir fazendo uma intervenção nos espaços da psicologia, que eram os congressos – tinha congresso Norte-nordeste, tinha o “Congressão” aonde tinham as teses que podiam ser mandadas...



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

E foi nesse espaço que a gente começou a fazer uma ação efetiva dentro do Conselho, a pressionar.

A primeira campanha sai em 2002: "Racismo produz humilhação. Humilhação social faz sofrer". E não paramos mais, né? E aqui em São Paulo a gente também fez um processo de sensibilização e de formação em todas as subsedes do Conselho pra que todo mundo pudesse incorporar.

E quando eu estava em análise com a doutora Joanna Wilhelm ela teve um dia que ela falou para mim: "Eu não entendo porque você não é psicanalista". E eu falei para ela: "Como assim?". Ela falou: "Você pensa como uma psicanalista, você fala, você atua como tal, eu só não entendo porque você não é".

E aquilo me chamou atenção, primeiro porque toda minha toda minha atuação ela foi amparada pela psicanálise: grupos de estudo de Melanie Klein, pequenas formações, debates..., Mas eu nunca...

[01:15:20] Eu acho isso interessante, eu comecei a pensar "Por que eu nunca pude me pensar uma psicanalista, por que eu não tinha...". E eu conhecia Sedes, afinal de contas eu fazia análise desde 1985...

E aí eu fico pensando como o racismo também é um impedimento da gente poder se pensar em determinados lugares.

E isso vai acontecer muito tempo depois. Quando a doutora Joanna traz essa questão para mim eu digo para ela: "De fato eu nunca pensei, embora eu tenha sempre trabalhado com a psicanálise".

E ela foi dizendo para mim por onde ela achava que eu devia começar, o que eu devia ler, enfim, ela foi me introduzindo conscientemente em algo que eu já vinha fazendo ao longo do tempo.

E nesse momento eu resolvo ir pro Sedes. E aí eu resolvo ir pro [curso] Conflito e Sintoma, que eu dizia: "Bom, isso pode ser uma boa forma de eu me preparar para eu depois ir pra formação". Mas eu também me inscrevo pra Sociedade Brasileira de Psicanálise e me submeto ao processo de seleção. E eu não sou escolhida obviamente e



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

ainda bem que eu não fui escolhida até porque eu nem teria condições materiais pra poder bancar uma formação lá. Mas talvez mais do que condições materiais, eu não teria condições políticas de suportar o conservadorismo, que eu vejo que hoje a Sociedade tem mudado, tem feito coisas diferentes, tem feito coisas novas, mas há um conservadorismo e há um olhar que talvez não fosse mesmo o meu lugar.

E fui pro Sedes, fazer Conflito e Sintoma, fui em 2009 pro Sedes. Fiz 2009. Em 2010 eu fui fazer um trabalho em Salvador fiquei três, quatro meses em Salvador, o que fez com que eu não pudesse encerrar... Não, foi antes, acho que foi em 2008... Fui pro Sedes, fui fazer Conflito e Sintoma. Fiz primeiro com a Dani, Dani Danesi, uma pessoa que eu gosto muito. Foi o primeiro ano. E fiz o segundo ano... Dois anos. Fiz um com a Soraia. E fiz um outro com a Noni.

E foi com a Noni em que acontece uma experiência de racismo na aula. Uma aula sobre sexualidade, estamos lá discutindo o texto e alguém vai contar um caso sobre uma criança que faz cocô e que aí junto com a mãe ou com o pai, aí ele diz: "Tchau, negão", estava falando tchau para merda ali que a criança fez e nomeia a merda como "negão". E nessa hora eu digo: "Bom, então 'negão' virou merda, é isso que está sendo dito aqui?". E todo mundo leva um susto, porque é tão natural você usar expressões racistas longe dos negros e isso ser normal e você nem se dar conta, ou muitas vezes perto dos negros que não tem coragem de fazer um enfrentamento e isso causa um rebuliço na aula e aí a Noni diz: "Bom, vamos discutir, vamos fazer essa discussão". Cria um clima, cria um constrangimento. Ninguém sabe o que fazer, pra onde ir, o que conversar. Praticamente a aula se encerra e a Noni diz: "Bom, vamos olhar para isso, vamos olhar pro que aconteceu e vamos conversar sobre o tema".

[01:20:22] E aí começamos a conversar sobre o tema na aula. Na próxima aula eu sugiro passar o filme *Olhos azuis*, que traz uma experiência da Elliot, que é uma judia americana, que durante a década de 60, com toda a movimentação sobre a luta dos direitos civis, resolve explicar pra classe o que é que tá acontecendo, e desenvolve uma experiência dos olhos azuis com as crianças. E essa experiência ela vai mostrando...



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Coloca as crianças em situação de discriminação, e as crianças começam a perceber o que é estar no lugar... As crianças entendem o que é a discriminação. E tudo bem pras crianças, porque na hora elas usam um colar quando elas estão em situação de discriminação, que ninguém olha pra elas, que elas não podem beber água no mesmo copo, que elas não podem conversar... Mas para as crianças termina quando elas tiram o colar, ok, as crianças voltam a ser crianças, normalmente entre elas isso não traz nenhuma carga pra elas, mas isso vai para a imprensa, e ela e a família dela sofrem processos de retaliação muito grandes, em função do que estava sendo feito com as crianças brancas. E aí tem toda uma discussão de que as crianças negras vivem situações de discriminação cotidianamente. Então a gente assiste esse vídeo e começa a discutir racismo em sala de aula.

Uma coisa que sempre me chamou atenção, mesmo antes desse evento, é que eu sempre me perguntava por que é que o Sedes, que teve uma atuação na época da ditadura tão importante, que se colocava como uma organização ativista, no sentido dos direitos humanos, no sentido de acolher, inclusive exilados, de poder fazer frente a esse tema, eu sempre me perguntava: por que é que nunca havia tido uma discussão sobre racismo no Sedes, qual que era a questão e por que é que a maioria dos alunos eram brancos, por que é que não tinha negros no Sedes, o que é que acontecia?

E a partir do evento da classe, da discriminação havida na classe, e das questões que foram sendo colocadas, eu proponho então a gente fazer alguma coisa pra que de fato o tema do racismo pudesse circular na instituição.

E disso demandou todo o trabalho que, de alguma maneira, já sabemos, teve um ciclo em três etapas, que chamava "O negro e o racismo no Brasil – questões para a psicanálise". Uma primeira etapa foi um psicodrama público, que foi comandado pelo Pedro [Mascarenhas] e nesse psicodrama público houve um conflito entre negros e judeus. Essa é a entrada no Sedes. E que produziu sofrimento pra ambos os grupos e que a gente não pôde... que não foi possível no psicodrama poder fazer uma conversa e poder olhar o que é que estava acontecendo ali.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[01:25:10] Mas isso já deu um buchicho na instituição.

Fizemos um outro encontro dali três meses, que veio o professor Kabengele Munanga, e mais: foi produzido um vídeo. Foi produzido um vídeo – esqueci o nome do vídeo... Era algo como "Um passo", não sei se "Um passo à frente", mas tinha a ver com o passo que foi produzido especificamente pra gente poder pensar a questão do racismo, a partir de uma experiência que ocorria embaixo de um viaduto.

E depois fizemos um fechamento, um terceiro encontro, onde tivemos vários palestrantes: tivemos Isildinha Baptista [Nogueira], tivemos... Nossa esqueci o nome dela, tá vendo o que é a idade? Todas as palavras, as letrinhas vão fugindo... Nossa, tá aqui... Ela até dava aula na PUC, ela morreu de câncer... Bom, tivemos Isildinha, tivemos Cuti tivemos alguém no campo da literatura, tivemos alguém no campo da psicanálise, tivemos uma representação do Sedes, enfim, a gente fez uma discussão mais ampla, plateia lotada nesses três encontros.

Acho que isso foi bastante importante, o tema entra para instituição, mas fica marginal, como todo o tema do racismo, ele leva cinco anos pra que essa discussão se transforme num livro.

Aí transformou-se num livro com o mesmo nome do evento: *O negro e o racismo no Brasil – questões para a psicanálise*. E o livro amplia a discussão trazendo outras pessoas do Sedes escrevendo sobre o tema.

Isso é um marco, acho isso importante, porque acho que é o primeiro livro de uma instituição que trabalha com psicanálise, com uma formação em psicanálise, um livro trazendo o tema do racismo com a chancela da instituição.

Isso é importante, isso não é qualquer coisa e isso faz com que a instituição se implique no processo.

Eu lembro que logo quando aconteceu essa tensão da sala de aula, estava começando a ter a Incubadora e que era a Heidi [Tabacof] que era... Acho que foi a primeira pessoa responsável pela Incubadora, que criou a Incubadora. Então, nessa Incubadora, antes do evento, a gente foi pra Incubadora pra poder pensar que tipo de



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

evento que a gente poderia fazer, a gente foi fazendo alguns caminhos pra poder construir esse evento. A primeira parada foi na Incubadora onde a gente conversou e dali se criou uma comissão e a gente desenvolveu o programa.

Acho que o livro é importante porque ele faz uma marcação na instituição. Tem o evento, mas o livro ele anda, o livro rapidamente pede mais uma edição, porque ele se esgota muito rapidamente. Há uma recepção importante do livro, há uma referência importante e não dá mais pro Sedes não falar sobre o tema.

[01:30:10] E a partir daí, apesar de que o tema continua na marginalidade, “à margem”, mas ele vai ganhando mais adeptos e hoje tem um grupo no Sedes: “A cor do mal estar”, tá no Departamento de Psicanálise, é isso, que vem fazendo uma discussão sistemática sobre o tema, envolvendo os integrantes do Departamento de Psicanálise, que eu acho super importante. E também ele vai ganhando outros lugares dentro do Sedes, vai ganhando lugar na clínica, onde agora, há pouco tempo, foi feita uma intervenção pra poder na clínica a questão racial vir através de todos os atendimentos, ele vai ganhando lugar em outros departamentos – como na Psicossomática que já levou psicanalista negra lá pra discutir o tema do racismo e o corpo...

Então eu acho que, de alguma maneira, eu sinto que em muitos lugares que eu fui passando, pela minha capacidade atrevida de poder questionar, também tem podido instalar o tema como um processo de responsabilização do coletivo.

Nossa Senhora, sei lá para onde eu fui, fui para lugares onde eu nem ia... Ai, não sei, eu acho que talvez...

[HEIDI TABACOF]: É, eu acho que você falou... Fez um percurso muito claro, consistente, da sua própria trajetória, o que foi sendo criado ao longo dela, no campo social, no campo psi, no campo psicanalítico...

[MARIA LÚCIA DA SILVA]: Acho que tá bom, não acha?



[HEIDI TABACOF]: Acho que tá muito bom.

[MARIA LÚCIA DA SILVA]: Eu sempre acho que fica muito ruim, mas depois...

[HEIDI TABACOF]: Isso é efeito do sintoma... *(risos)*. Bom, muito obrigada.

[MARIA LÚCIA]: Eu que agradeço, enfim, espero ser mais uma contribuição.
Obrigada a todas e todos vocês que foram testemunha desse depoimento.

CRÉDITOS

FIM.



PSICANALISTAS QUE FALAM – EPISÓDIO #6 – MARIA LÚCIA DA SILVA

FICHA TÉCNICA

Duração: 94'

Ano de Produção: 2020

País: Brasil

Idioma: português

Gênero: documentário

Classificação Etária: livre

Direção e Produção executiva: Heidi Tabacof

Produção: Ana Prynç

Direção de Fotografia: Vinícius Casimiro e Thaisa Oliveira

Câmeras: Heidi Tabacof, Matias Lancetti, Thaisa Oliveira e Fernanda Cristiane

Som Direto: Vinícius Casimiro

Edição: Fernanda Cristiane

Design gráfico: Rafic Farah

Comunicação Digital: Quelanly Vicente

Realização: Tupi produções

www.psisquefalam.com



@psisquefalam



@psicanalistasquefalam